

Formação e Informação Pediátrica

O número suplementar da revista «Newsweek» da Primavera / Verão de 1997 dedica a totalidade das suas 96 páginas à saúde da criança dos 0 aos 3 anos de idade. Nela são abordados, por especialistas nas diferentes áreas, aspectos como o crescimento, o desenvolvimento, a promoção da saúde, o comportamento e o ambiente sócio-familiar. Esta publicação suscitou-nos uma reflexão sobre formação e informação pediátricas.

Nas últimas décadas poucas áreas da Medicina sofreram alterações tão profundas como a Pediatria. O conceito tradicional de Pediatria traduzido no significado etimológico da palavra «pediatria» (tratar crianças) foi ultrapassado e engloba, actualmente, a medicina da Criança e do Adolescente. É a *nova Pediatria* cujo objectivo é a promoção da saúde e a luta contra a doença a nível biológico, psicológico e social desde a concepção à idade adulta.

Estão já em formação os médicos que vão enfrentar os desafios da Pediatria do próximo milénio. Estão os programas actuais de ensino pré-graduado em consonância com as exigências e a importância da *nova Pediatria* decorrentes do progresso e desenvolvimento da sociedade nos seus múltiplos aspectos, dos avanços científicos e tecnológicos, do valor crescente da criança, como bem escasso e valioso, na maioria dos países ocidentais em consequência da alarmante descida da natalidade?

Os pais e familiares manifestam cada vez maior exigência e preocupação, quando não ansiedade, perante o menor desvio do ideal que conceberam para o seu filho na saúde, na escola ou em qualquer outra área. É indiscutível que o conteúdo de qualquer plano de formação pediátrica actual deve proporcionar a aquisição de um conjunto de conhecimentos, atitudes e aptidões sobre a criança normal, e a criança doente, consideradas não só individualmente mas sobretudo quando integradas na família e na comunidade.

A reformulação do ensino médico que se vem processando, ao reduzir a carga horária da Pediatria limita claramente a concretização plena dos objectivos docentes apontados. Esta realidade está em evidente contraste com o aparecimento, em número cada vez maior, de revistas e outras publicações, periódicas ou não, dedicadas à saúde da criança e do adolescente, facto bem demonstrativo da importância que a sociedade atribui à saúde infantil. Nelas são habituais artigos, por vezes relativamente aprofundados e cuidadosamente elaborados, sobre alimentação, crescimento e desenvolvimento, patologias mais comuns ou mais raras, vacinas e seus problemas, novas infecções, doenças do comportamento, entre muitos outros temas. Hoje são já muitos os pais que buscam informação neste tipo de publicações e que a discutem com o médico do seu filho. A generalização do recurso à informação electrónica faz prever o acesso cada vez mais fácil a novas fontes de comunicação e informação pediátrica. É disto exemplo a Internet onde é já famosa, por exemplo, a página do conhecido Dr. Spock (Parent-time) que contém informação sobre variados temas pediátricos e responde a questões e dúvidas dos pais através de correio electrónico. Temos já hoje pais que discutem connosco, pela manhã, os resultados das suas buscas, na Internet, da noite anterior ou as respostas às questões formuladas nas múltiplas listas de discussão por eles subscritas.

É preocupante e angustiante para nós, como cidadãos e pediatras, que se contraponha, a uma cada vez maior valorização e melhor conhecimento da saúde da criança e do adolescente, por parte dos pais e da comunidade, uma menor informação e formação pediátrica, em termos relativos, na pré-graduação médica. Angústia e preocupação acrescidas, ainda, pela redução contínua e progressiva do número de pediatras, que vem ocorrendo, a nível nacional, nos últimos anos.

Norberto Teixeira Santos